

A ACUMULAÇÃO DE ANIMAIS E A FORMAÇÃO DE VETERINÁRIOS

Paula Tavoraro*

Tamara Leite Cortez**

Resumo: A acumulação de animais é um problema complexo e interdisciplinar cujo entendimento é baseado em poucas informações e cujas consequências envolvem o bem estar humano, animal e efeitos ambientais. Os veterinários estão na linha de frente no encontro e solução dos casos de acumulação, mas não são preparados, no ensino superior, para o enfrentamento de problemas complexos como este. O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão do conhecimento atual sobre a acumulação de animais feita a partir das palavras-chave "transtorno de acumulação", "acumulação de animais" e "veterinários" em português e inglês, assim como correlacionar estes dados com o ensino para a formação de veterinários. Para que os veterinários sejam mais bem preparados para enfrentar este tipo de problema, já nas universidades, deve ser fortalecida a tríade ensino, pesquisa e extensão, assim como o ensino claramente voltado para a compreensão considerando-se competências relacionadas à atuação em ambiente multiprofissional e à participação e contribuição social.

Palavras-Chave: acumulação; complexidade; ensino superior; multiprofissionalidade; interdisciplinaridade; veterinários.

Abstract: Hoarding of animals is a complex, multi- and interdisciplinary problem whose understanding is based on little information. The consequences of hoarding involve human and animal welfare, besides environmental effects. Veterinarians are the professionals on the front line in finding and solving hoarding problems, but higher education does not prepare them to face this kind of problem. The objective of this study is to present a review of the current knowledge on animal hoarding based on the terms "hoarding", "animal hoarding" and "veterinarians" in Portuguese and English, and to link these data with veterinary education. For veterinarians to be better prepared to face this type of

* Veterinária, Mestre em Bromatologia pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, Doutora em Epidemiologia Experimental e Aplicada às zoonoses pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, especialista em Magistério do Ensino Superior pela PUC-SP. Professora do curso de veterinária do Centro universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. E-mail: paula.tavoraro@fmu.br

** Especialista em Saúde, Médica Veterinária da Prefeitura Municipal de São Paulo. Assessora da gerência do Centro de Controle de Zoonoses / Coordenadoria de Vigilância em Saúde / Secretaria da Saúde de São Paulo.

problem, still in universities, the triad teaching, research and extension should be strengthened, as well as the use of teaching techniques clearly aiming at understanding considering competencies related to multidisciplinary, and social participation and contribution.

Keywords: complexity; higher education; hoarding; multidisciplinary; interdisciplinarity; veterinarians.

1. INTRODUÇÃO

A acumulação de animais ou *hoarding* é um problema multifatorial e interdisciplinar de saúde pública (Arluke et al., 2002) gerado por um transtorno que leva uma pessoa a ter um número cada vez maior de animais sem condição para mantê-los. Embora os casos que ganhem a atenção da mídia geralmente envolvam um número muito grande de animais, não é a quantidade que determina um caso de acumulação, e sim a falta de padrões mínimos de cuidado com os animais; a falta de visão sobre o problema; a negação das consequências; e as tentativas contínuas de manter / aumentar o número de animais (Patronek e Nathanson, 2009).

As consequências da acumulação incluem o sofrimento e negligência para como os animais, assim como para as pessoas envolvidas, e as perdas econômicas ligadas ao destino da propriedade e dos animais resgatados. Para Frost et al. (2015), o maior impacto da acumulação é sobre o ambiente da moradia, que se torna inabitável. Apesar do conhecimento sobre as consequências, a acumulação de animais é um fenômeno muito mal compreendido e uma das maiores causas de sofrimento animal, causando mais lesões, sofrimento e mortes de animais do que atos intencionalmente cruéis (Avery, 2005, apud Hayes, 2010).

Existem poucos trabalhos científicos publicados sobre o tema acumulação de animais, não apenas por ser difícil de ser estudado (Patronek, 2001), mas também pela ausência de relatos sistemáticos dos casos (Patronek, 1999, Ockenden et al., 2014). Frost et al. (2015) afirmam que a descrição da acumulação ainda deve ser considerada apenas um conjunto de suposições, já que o conhecimento sobre ela vem de poucos estudos. De qualquer forma, apesar das poucas informações, a acumulação toca em um ponto nevrálgico da atuação dos médicos veterinários, uma vez que os acumuladores mantêm animais em condições consideradas maus tratos e, nestes casos, a sociedade claramente espera uma resposta e demanda a atuação dos órgãos públicos, nos

quais os médicos veterinários estão na linha de frente. Para Patronek et al. (2006)

Apesar da natureza complexa e interdisciplinar da maioria dos casos de acumulação de animais, a primeira linha de abordagem para se encontrar uma solução é geralmente unidimensional, começando e terminado com as agências de bem estar animal. Estas agências normalmente agem sozinhas, primariamente utilizando regulamentos proibindo os maus tratos e negligência para com os animais.

Normalmente, o acumulador tende a ser processado por crueldade animal, ignorando-se os aspectos de saúde mental que também deveriam ser abordados (Patronek e Weiss, 2012). Quando o problema é visto por este prisma, é visível que as leis de maus tratos não resolvem o problema nem previnem as recidivas (Berry et al., 2005). Considerando que no Brasil são raras, ou inexistentes, as agências oficiais destinadas a garantir o bem estar dos animais, esta demanda acaba recaindo sobre os órgãos de controle de zoonoses, geralmente ligados ao Sistema Único de Saúde. Alguns municípios brasileiros já apresentaram alternativas a esta situação, instituindo órgãos específicos para proteção e cuidado de animais domésticos ligados às secretarias de meio ambiente, como a Secretaria Especial de Direitos Animais, em Porto Alegre¹, RS e a Secretaria Executiva dos Direitos Animais², em Recife, PE, apenas para citar alguns exemplos.

Dada a importância da ação dos médicos veterinários nos casos de acumulação, eles deveriam, na sua formação, adquirir as competências necessárias para lidar com este problema. E, embora cada vez mais alunos cheguem às faculdades de veterinária com uma perspectiva diferente das gerações anteriores, dando mais importância à saúde e bem estar animal (Pritchard, 1993 apud Arluke, 1997), o que é extremamente positivo, esta preocupação e foco apenas nos animais pode ter um impacto negativo sobre as ações destes profissionais nos casos de acumulação. Para Patronek (2006), é importante que a prevenção da crueldade para com os animais seja abraçada, mas também que os profissionais envolvidos na resolução dos casos de acumulação consigam "atender a uma forma mais sutil e menos compreendida de crueldade grave: a negligência crônica e

¹ Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/>, acesso em 20-01-2017.

² Disponível em <http://www2.recife.pe.gov.br/pagina/secretaria-executiva-dos-diretos-dos-animais>, acesso em 20-01-2017.

generalizada [não apenas envolvendo os animais] que acontece na acumulação”.

Patronek et al. (2006) defendem o trabalho multiprofissional e interdisciplinar e a cooperação entre agências como os melhores caminhos para se abordar o problema. Segundo Alvarenga et al. (2013) a multiprofissionalidade orienta e torna possível uma assistência integral. No trabalho multiprofissional, os profissionais atuam de acordo com as diretrizes da sua profissão, mas acabam gerando um tratamento fragmentado. Entretanto, é só pela relação entre estes diferentes profissionais e seus saberes que se produzem soluções conjuntas e cooperativas, que não seriam alcançadas por nenhum dos profissionais isoladamente (Salvador et al., 2011). Alvarenga et al. (2013) defendem então, não só a formação com foco na multiprofissionalidade, mas levando-se em conta a interdisciplinaridade: a integração de saberes entre diferentes áreas levando à valorização e respeito aos limites de atuação.

Para que esta realidade seja alcançada, os alunos têm que ser preparados. Minimamente, têm que ser consistentemente preparados para conhecer, compreender e aplicar as competências específicas números XIII e XIV das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária (“Relacionar-se com os diversos segmentos sociais e atuar em equipes multiprofissionais da defesa e vigilância do ambiente e do bem-estar social; exercer a profissão de forma articulada ao contexto social, entendendo-a como uma forma de participação e contribuição social”, CNE, 2003). Nos cursos de medicina veterinária, devem ser estabelecidas ações reais e eficientes para que estas competências sejam conhecidas, compreendidas e aplicadas e os alunos possam estar mais bem preparados para lidar como problemas tão complexos quanto a acumulação.

2. OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho são revisar dados da literatura sobre a acumulação de animais e correlacionar estes dados com a necessidade de aprendizado da profissão de Médico Veterinário em um contexto interdisciplinar e multiprofissional para a solução de problemas complexos do mundo real.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. A definição de acumulação de animais

Até a criação do *Hoarding of Animals Research Consortium* (HARC) em 1997, não havia nenhuma pesquisa sistemática sobre a acumulação animal. Os casos eram atendidos apenas por entidades de proteção e agentes de bem estar animal; além disso, não eram reconhecidas as implicações para com a saúde humana (Steketee, 2013). Existia também uma terminologia dúbia, com o uso do termo colecionismo como sinônimo de acumulação. Hoje, se considera que o termo acumulação deve ser usado preferencialmente, já que colecionismo tem uma conotação de um hobby benigno (Kuehn, 2002; Patronek, 2008).

A definição de Patronek (1999), que permanece até hoje, é que o acumulador: (1) mantém um grande número de animais, sobrecarregando sua capacidade de oferecer padrões mínimos de nutrição, higiene e cuidados veterinários a eles; (2) não consegue ver a condição de deterioração da condição dos animais (incluindo doenças, fome e até morte) e do local onde vivem (superlotação grave, condições sanitárias problemáticas); e (3) não reconhece o efeito negativo da acumulação sobre a própria saúde e bem-estar, assim como dos outros moradores da residência. A acumulação vai além da posse de vários animais e não depende do número de animais que são mantidos: o que conta na definição é quando o cuidador não tem como dar a estes animais condições adequadas para sua sobrevivência (Frost e Steketee, 2010).

Até 2013, a acumulação de animais não estava listada como indicativa de transtorno psicológico específico e não era reconhecida como uma entidade clínica; ela era considerada um subtipo do Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) (Frost e Steketee, 2010) e geradora de condições bizarras e problemáticas de vida que poderiam indicar a necessidade de avaliação psicológica (Arluke et al., 2002). Hoje, o transtorno de acumulação está incluído no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como uma entidade real e separada do TOC (APA, 2014). No DSM-IV, a acumulação era considerada um dos sintomas possíveis do transtorno da personalidade obsessiva compulsiva e considerava que a acumulação extrema poderia ocorrer no TOC. Mas em 2013, a *American Psychiatric Association* passou a considerar que existiam evidências para a descrição de um transtorno de acumulação

(“dificuldade persistente de descartar ou se desfazer de pertences, independentemente de seu valor real, em consequência de uma forte percepção da necessidade de conservá-los e do sofrimento associado ao seu descarte”) (APA, 2014, p. 277). No mesmo documento, a acumulação de animais é definida como

acumulação de muitos animais e a falha em proporcionar padrões mínimos de nutrição, saneamento e cuidados veterinários e em agir sobre a condição deteriorante dos animais (incluindo doenças, fome ou morte) e do ambiente (p. ex., superpopulação, condições extremamente insalubres). A acumulação de animais pode ser uma manifestação especial do transtorno de acumulação. A maioria dos indivíduos que acumula animais também acumula objetos inanimados. As diferenças mais proeminentes entre a acumulação de animais e de objetos são a extensão das condições insalubres e o insight mais pobre na acumulação de animais (APA, 2014, p. 290).

4. AS CONSEQUÊNCIAS DA ACUMULAÇÃO

Arluke et al. (2002) analisaram os efeitos da acumulação sobre atividades cotidianas e, de maneira geral, nada funciona bem onde há animais acumulados: não é possível cozinhar, tomar banho ou dormir. Os animais estão em toda parte, assim como suas fezes, urina, cadáveres e restos de alimentos. Além disso, 80% dos acumuladores de animais também são acumuladores de objetos (Patronek, 1999), o que dificulta ainda mais o fluxo pela residência e seu uso para as atividades da vida cotidiana.

Além dos efeitos da acumulação na vida diária e sobre os animais, há a destruição da propriedade; o risco para a saúde pública; a negligência para com si mesmo e para com crianças e idosos dependentes; a alienação e o afastamento da família; os problemas de saúde mental que permanecem não diagnosticados e não tratados; os riscos para a saúde física do indivíduo e os custos da intervenção, assim como os resultados traumáticos e pouco satisfatórios para todos os envolvidos (Patronek e Weiss, 2012).

5. O PERFIL DO ACUMULADOR

Segundo Patronek (1999), os casos de acumulação envolvem principalmente mulheres (76%), das quais uma grande parte tem mais de 60 anos (46%); a maioria é solteira, divorciada ou viúva, e mais da metade vive sozinha, sendo incapacitadas, aposentadas ou desempregadas (Berry et al. 2005). Os animais envolvidos são principalmente gatos (81%) e cães (54%), embora outros animais como aves e pequenos mamíferos também tenham sido descritos (Arluke et al., 2002). Patronek (2008) estima que, nos EUA, minimamente, podem ser reportados cerca de 5000 novos casos anuais, envolvendo mais de 250 mil animais. A atenção fragmentada e as soluções legais dadas a estes casos faz com que não haja garantias para se evitar as recidivas, que podem chegar a 100% (Patronek et al. 2006). Dados brasileiros da cidade de Curitiba (PR) estimam um acumulador em cada 10.000 habitantes (Cunha et al., 2015). Apesar de estes números terem sido relatados na literatura, eles devem ser considerados apenas estimativas feitas com base em poucos casos que foram estudados.

Apesar de os casos de acumulação serem, muitas vezes, relacionados a condições de miséria absoluta, a miséria é geralmente consequência da acumulação e não sua causa (Hayes, 2010), podendo ser consequência dos gastos gerados pela acumulação. Por outro lado, embora exista uma relação miséria-acumulação, a acumulação de animais não é um privilégio de pessoas pobres e com baixa escolaridade, e atinge todas as classes sociais e níveis de educação. Há relatos envolvendo professores, corretores (Arluke et al., 2002), médicos, enfermeiros e médicos veterinários (Patronek, 2008).

6. OS TIPOS DE ACUMULADORES E SUAS JUSTIFICATIVAS

De uma forma geral, existem três grandes tipos de acumuladores de animais: o cuidador sobrecarregado, os resgatadores de animais com uma missão e os exploradores de animais (Patronek et al., 2006; Frost e Steketee, 2010), apresentados na Tabela 1. Os três tipos podem ser diferenciados pela velocidade em que o cuidado com os animais vai se deteriorando: ela é mais rápida no caso de exploradores, seguida pelo resgatador e, por último, pelo cuidador sobrecarregado (Patronek, 2006). Há ainda dois subgrupos que eles mostram o caminho inicial para uma possível acumulação grave: o acumulador incipiente e o acumulador criador (Patronek et al., 2006), que não estão na Tabela, mas podem servir de alerta para uma situação que pode se tornar problemática no

futuro. Embora não existam estudos estatísticos suficientes para a generalização sobre o número de casos de cada tipo de acumulação, de seis casos relatados por Reinisch (2009), três foram classificados como cuidadores sobrecarregados (50%), um como resgatador (16,6%), e dois como exploradores (33,3%).

Como o problema da acumulação é multifacetado, é importante que o tipo de acumulador seja identificado, porque isso pode levar à intervenção mais adequada (Patronek et al., 2006), já que não há uma única forma para intervenção a ser aplicada a todos os casos.

Tabela 1. Tipos de acumuladores e suas características.

Cuidador sobrecarregado	Salvador com uma missão	Explorador de animais
<ul style="list-style-type: none"> • Tem alguma consciência da realidade dos problemas; • Alteração social, econômica e/ou médica desencadeia o problema; • Quer oferecer cuidados adequados; • Animais são vistos como família; • Tem autoestima ligada a papel de cuidador; • Tende a minimizar os problemas, e não negá-los; • Permite acesso à propriedade; • Tende a seguir as recomendações; • Adquire os animais passivamente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem forte sensação de missão; • Opõe-se a eutanásia; • Acredita que é o único que pode cuidar dos animais; • Inicialmente pratica o resgate seguido de adoção, mas a adoção é abandonada; • Tem dificuldade de recusar novos animais; • Evita as autoridades e/ou impede acesso; • Menos receptivo à intervenção; • Adquire animais ativamente. 	<ul style="list-style-type: none"> • É o tipo mais difícil de lidar; • Adquire animais para atender a necessidades pessoais; • Não tem empatia; • É indiferente aos danos causados aos animais; • Acredita que seu conhecimento é superior ao dos outros; • É articulado e passa confiança; • Adquire os animais ativamente.

Fonte: Patronek, 2006; Frost e Sketekee, 2010.

Desta forma, apesar da acumulação ser normalmente justificada como amor e respeito aos animais pelos próprios acumuladores, ela não é um comportamento altruístico: os animais acumulados têm a função de suprir necessidades humanas profundas (Steketee, 2013). Worth e Beck, 1981, apud Frost, 2000) mostram estas necessidades ao relatarem as justificativas dos acumuladores: os animais fornecem aos acumuladores um amor incondicional, sem críticas ou julgamentos, e o acumulador se vê como uma pessoa que vive uma vida de sofrimento e sem amor, salvando animais antropomorfizados. Esta justificativa das boas intenções é exatamente a razão pela justiça branda nos casos de acumulação, levando a soluções que não impedem as recidivas (Patronek,

2008). Para este autor, a acumulação é uma “terceira dimensão do abuso de animais”, já que ela é diferente da crueldade intencional (onde há intenção e prazer em ferir) e da negligência (onde há indiferença com o sofrimento). No caso da acumulação, existe sofrimento físico e psicológico considerável para o animal e efeitos negativos para a pessoa e ao ambiente ocupado, ao mesmo tempo em que há uma forte ligação positiva entre homem-animal.

7. MODELOS QUE PODEM EXPLICAR A ACUMULAÇÃO

A grande ligação emocional entre a pessoa e seus animais, nos casos de acumulação, pode ser tão profunda que é considerada mais valiosa do que aquela com os membros da família. O fato de o animal poder retornar a afeição, diferente de objetos inanimados que também podem ser acumulados, cria questão psicológica que não pode ser subestimada nestes casos. O retorno da afeição pelo animal cria uma interação que é envolvente, livre de conflitos e mais constante e confiável que a relação com outras pessoas (Patronek e Nathanson, 2009). Além desta forte ligação homem-animal, aparentemente mais prazerosa que a ligação entre pessoas, alguns modelos podem explicar a acumulação de animais: a ilusão, o vício e os problemas afetivos (Frost, 2000).

7.1. O modelo da ilusão

As pessoas que acumulam animais acreditam terem poderes especiais de comunicação e/ou empatia com os animais. Insistem também que os animais estão saudáveis e bem cuidados, mesmo em meio a um cenário que mostra claramente o contrário. O sistema de crenças destas pessoas não é real, embora fora deste contexto de relação com os animais, muitas destas pessoas sejam normais e saudáveis. Este modelo é também defendido em Frost e Steketee (2010).

7.2. O modelo do vício

Este modelo foi sugerido por Lockwood (1994) apud Frost (2000), pois os casos de acumulação têm similaridades com o comportamento pelo abuso de drogas (negação do problema, desculpas para o comportamento, isolamento, queixa de

perseguição, negligência pessoal e com as condições do ambiente). Frost e Sketekee (2010) relacionam a acumulação com transtornos de controle de impulsos, como nos compradores e jogadores compulsivos.

7.3. O modelo dos problemas afetivos

Este modelo sugere um distúrbio na formação das ligações interpessoais, resultado de experiências na infância com pais ou cuidadores ausentes, negligentes ou abusivos. Este modelo é corroborado por Worth e Beck (1981) apud Frost (2000), Patronek et al. (2006), Patronek (2008) e Frost e Sketekee (2010).

Um histórico de infância disfuncional, com abusos ou traumas se correlaciona com um estilo desordenado de ligação afetiva que, por sua vez, pode resultar em um padrão de relacionamento controlador. Uma das formas pelas quais este controle pode se manifestar nas relações adultas é o cuidado compulsivo. Neste padrão de comportamento, a pessoa seleciona alguém com uma vida difícil ou triste e oferece cuidados de forma obsessiva, independente do fato do cuidado ser desejado ou necessário. Este tipo de comportamento geralmente caracteriza o estilo de cuidado dos acumuladores de animais (Patronek, 2007, p.2).

Todos estes modelos explicam apenas, parcialmente, o comportamento dos acumuladores de animais, mas nem um deles o explica totalmente. A falta de dados leva à compreensão limitada do problema e à necessidade de se criar modelos como estes para que os profissionais que trabalham com estas questões complexas as compreendam. Ainda assim, a visão geral do problema é afetada, o que influencia diretamente na preparação de profissionais para lidar com a acumulação, assim como a sua forma de resolução.

8. UM CAMINHO PARA A RESOLUÇÃO

A resolução dos casos de acumulação é difícil, longa e cara, pois eles estão relacionados a diferentes jurisdições: saúde mental, saúde pública, zoneamento, controle de animais, saneamento e agências responsáveis pelo bem estar infantil, adulto e de idosos (Patronek, 1999; Patronek, 2001), além da assistência social.

Segundo Patronek et al. (2006), em qualquer caso de acumulação, mais de cinco organizações podem ter jurisprudência sobre o caso. Entretanto, embora o problema seja claramente interdisciplinar, a busca por soluções geralmente é unidimensional, começando e terminando com as agências de bem estar animal, em um trabalho solitário e baseado principalmente nas leis sobre a crueldade e negligência para com os animais (Patronek et al., 2006, Patronek e Weiss, 2012). Algumas justificativas podem ser dadas para a abordagem unidimensional deste problema: (1) os animais são vistos como o problema e não como o sintoma; o foco é exclusivo neles e não nas pessoas e comunidades que também estão em risco; o sofrimento visível dos animais leva apenas ao envolvimento de agências de bem estar animal; (2) a acumulação não é vista como um transtorno psicológico; (3) a legitimidade das ações do acumulador é moldada pela mídia (só querem proteger / resgatar /abrigar os animais) (Patronek et al., 2006). Este quadro se repete no Brasil, onde muitas vezes é atribuída a obrigação de intervenção prioritariamente aos centros de controle de zoonoses, talvez pelo senso comum no qual se baseiam a expectativa e visão de que os CCZs são os responsáveis por cuidar de animais em todos os seus aspectos e não “pelo controle de agravos e doenças transmitidas por animais [...], através do controle de populações de animais domésticos [...] e controle de populações de animais sinantrópicos”³.

Ao chegarem ao local de uma denúncia feita por vizinhos, oficiais de saúde pública também vão encontrar indicações de problemas de saúde e segurança humana (Arluke et al., 2002), que não poderiam ser ignoradas, mas o são. Para os serviços públicos, encontrar um problema que não é de responsabilidade completa do órgão chamado pode paralisar a resposta ou gerar uma resposta parcial e ineficiente, o que demonstra claramente a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e multiprofissional, como recomendado por Patronek et al. (2006), que sugerem possibilidades de se montar uma estrutura coordenada e multiprofissional para casos de acumulação e se diminuir a possibilidade de recidivas.

Muitas agências têm o conhecimento, recursos e autoridade que podem contribuir com a resolução dos casos de acumulação de animais. Esta variedade de experiências e interesses pode gerar a base para as soluções

³ Definição do serviço pela prefeitura de São Paulo, disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/controlado_de_zoonoses/controlado_animal/index.php?p=4414. Acesso em 16-01-2017.

duradouras que reduzam a possibilidade de recidivas. Infelizmente, a maioria das comunidades não encontrou formas de unir as agências e criar acordos de cooperação que promovam soluções abrangentes e minimizem os conflitos entre elas nos casos de acumulação de animais. O conflito entre as missões e os papéis das agências, a falta de acordos conjuntos e a confusão sobre quem deve agir e quando, todos são obstáculos à resposta cooperativa em casos de acumulação animal. [...] A criação de respostas interdisciplinares não é apenas útil, ela é necessária. Uma abordagem multiprofissional bem sucedida necessita de planejamento considerável, construção de relações, educação e tolerância. Sem uma abordagem cooperativa para a divisão de responsabilidades, agências com diferentes missões vão entrar em conflito e não vão colaborar umas com as outras (Patronek et al., 2006, p.13).

9. A PREPARAÇÃO DE FUTUROS VETERINÁRIOS PARA LIDAR COM A ACUMULAÇÃO

É muito provável que o fenômeno observado no Brasil com a formação de médicos veterinários despreparados para questões complexas como a acumulação seja um fenômeno mundial e dado pelo próprio desenvolvimento histórico da educação superior, que tende a valorizar o acúmulo de conhecimento técnico acima da formação de pessoas. Entretanto, a formação de qualquer profissional deveria ser norteadada tanto pelo arcabouço técnico quanto pelo humanístico (CRMV, 2012).

Para Ockenden et al. (2014) as agências que cuidam da saúde e bem estar animal não são qualificadas para lidar com pessoas vulneráveis que têm claras questões de saúde mental, e os casos de acumulação não podem ser abordados sem a experiência e cuidado de profissionais de saúde mental. Por outro lado, como "os acumuladores demoram bastante tempo para demonstrar confiança nas pessoas e como o contato é sempre iniciado pelos profissionais que lidam com animais, este deveria ser o melhor caminho para criarem-se relações de longo prazo necessárias para monitorar e prevenir as recidivas" (Ockenden et al., 2014, p.44). Os médicos veterinários têm que ser mais bem preparados em sua formação para fazerem isso.

Para Alvarenga et al. (2013),

O processo educacional na formação dos profissionais de saúde deve ter em vista o desenvolvimento tanto de capacidades gerais (identificadas com a grande área da saúde), quanto daquelas que constituem as especificidades de cada profissão. Entretanto, todo processo educacional deveria ser capaz de desenvolver as condições para o trabalho em conjunto dos profissionais da saúde, valorizando a necessária interdisciplinaridade para a composição de uma atenção que se desloque do eixo — recortado e reduzido — corporativo-centrado, para o eixo — plural e complexo — usuário-centrado.

No Brasil, o trabalho multiprofissional e interdisciplinar com acumulação de objetos (e de animais) existe (Borin et al., 2015; Cotrin et al., 2015; Maciel et al., 2011), mas é necessário que o aluno de veterinária entenda o que é este problema e como abordá-lo, já na faculdade. A questão que permanece é como fazer esta preparação, que teria efeitos claros sobre outros aspectos do trabalho médico veterinário além da acumulação. A tríade ensino, pesquisa e extensão, que é a finalidade da universidade (Brasil, 1996), mas muitas vezes mantida apenas no papel, é um dos caminhos possíveis para melhorar a formação dos alunos em questões complexas. Por meio de iniciativas que fortalecem esta tríade, pode-se fomentar a interdisciplinaridade necessária para estes casos. Algumas universidades conseguem, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, abordar o problema de forma multiprofissional e interdisciplinar, como o *Hoarding of Animals Research Consortium*⁴ da *Cummings School of Veterinary Medicine* da *Tufts University*, em Massachusetts nos EUA; a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com o grupo multiprofissional de pesquisa em Avaliação, Reabilitação e Interação Humano-Animal⁵; e o grupo multiprofissional de protocolos de atenção para a acumulação de animais⁶ no Paraná.

Os grandes estudos sobre o a acumulação vêm do *Hoarding of Animals Research Consortium* da *Cummings School of Veterinary Medicine* da *Tufts University*. O HARC é um grupo de estudo comandado pelo médico veterinário Gary J. Patronek e pela assistente social Jane N. Nathanson e, por seu trabalho de extensão com intervenções e administração de situações de crise, o HARC se

⁴ Disponível em <https://vet.tufts.edu/hoarding/>, acesso em 06-07-2016.

⁵ Disponível em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8364916306529972>, acesso em 06-07-2016.

⁶ Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4769922A3#ProjetosPesquisa>, acesso em 20-01-2017.

tornou um espaço de convivência entre profissionais de diferentes áreas, alunos de graduação e pós-graduandos. Este tipo de ação pode levar à formação de alunos mais conscientes e até mais experientes com relação ao assunto, seus maiores problemas e suas formas de solução.

No Brasil, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul tem o grupo multiprofissional e interdisciplinar de pesquisa em Avaliação, Reabilitação e Interação Humano-Animal desde 2015, comandado pela psicóloga Tatiana Quarti Irigaray. Neste grupo, existe o projeto "Acumuladores de animais: caracterização do perfil psicopatológico, cognitivo e comportamental e estratégias de prevenção e tratamento", com um médico veterinário e alunos de iniciação científica, o que pode ajudar bastante na formação e preparação do aluno de graduação. No Paraná, há o grupo de pesquisa liderado pelo médico veterinário Alexander Welker Biondo, que conduz, desde 2014 o projeto chamado "Perfil e protocolo de atenção aos acumuladores de animais e/ou objetos em Curitiba, Paraná" também em um grupo multiprofissional de atenção aos casos de acumulação.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes são três exemplos de como se pode unir o ensino, pesquisa e extensão de forma a beneficiar os alunos, professores e comunidade servida pelas universidades, formando profissionais mais preparados para lidar com problemas difíceis e de grande complexidade da sociedade.

Outros caminhos possíveis e viáveis estão em sala de aula, como o uso de simulação com cenários com pacientes estandardizados, já que a acumulação representa um problema de alta acuidade (gravidade potencial das consequências) e baixa oportunidade (possibilidade de encontro do problema) (Chiniara et al., 2013). Entretanto, uma das ações mais importantes seria uma mudança grande no dia a dia nas salas de aula do ensino superior, com o uso de metodologias ativas simples que possam levar à compreensão profunda e exploração da complexidade dos mais diferentes problemas, como as rotinas de pensamento recomendadas por Ritchard et al. (2011).

O uso destas rotinas pode levar ao reconhecimento da necessidade de trabalho multiprofissional e interdisciplinar em questões complexas, além de uma maior

compreensão do que significa o problema e o trabalho de cada profissional. O reconhecimento da necessidade de trabalho interdisciplinar e multiprofissional pode ser um passo inicial na formação de profissionais mais relevantes para o mundo de hoje, para longe da fragmentação de disciplinas e formação de feudos da academia, aproximando novamente a universidade da comunidade a quem ela deveria servir e levando a efeitos positivos na formação não só de médicos veterinários, mas também de outros profissionais, para as mais diferentes áreas de atuação, não apenas para os casos de acumulação de animais.

REFERÊNCIAS

Alvarenga, J. P.O.; Meira, A.B.; Fontes, W.D.; Xavier, M.M.F.B.; Trajano, F.M.P.; Chaves Neto, G. Multiprofissionalidade e interdisciplinaridade na formação em saúde: vivências de graduandos no estágio regional interprofissional. *Rev enferm UFPE on line*, 2013, 7(10):5944-51. Disponível em <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/4242/7391>. Acesso em 01-06-2017.

American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Arluke, A. Frost, R.O.; Luke, C., et al. Hoarding of Animal Research Consortium. Health Implications of Animal Hoarding. *Health Soc Work*, 2002; 27(2): 125-137.

Arluke, A. Veterinary education: A plea and plan for sociological study. *Anthrozoos* 1997; 10: 3-7.

Berry, C.; Patronek, G.J.; LOCKWOOD, R. Long-term outcomes in animal hoarding cases, *Animal Law*, 2005, 11(167): 167-194. Disponível em vet.tufts.edu/wp-content/uploads/Berry.pdf. Acesso em 07 jul 2016.

Borin, M.A.C.B.; Silva, L.; Harumi, R. Acumuladores Compulsivos: Modelo de Atuação Integral e Intersectorial da Supervisão de Vigilância em Saúde Santana/Tucuruvi de São Paulo aos Acumuladores Compulsivos de Objetos e de Animais. II Seminário Acumulação Compulsiva: Avanços e Desafios para as redes de atenção na perspectiva da Intersectorialidade e Integralidade, 2015. Disponível em

http://acumulocompulsivo.blogspot.com.br/2015_11_01_archive.html. Acesso em 07 jul 2016.

Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), de 20 de dezembro de 2000. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 20 set 2015.

Chiniara, G.; Cole, G.; Brisbin, K.; Huffman, D.; et al. Simulation in healthcare: A taxonomy and a conceptual framework for instructional design and media selection. 2013. *Med Teach*, 35(8): 1380-1385.

Conselho Federal De Medicina Veterinária. Estratégias de ensino aprendizagem para desenvolvimento de competências humanísticas. Propostas para formar veterinários para um mundo melhor. 2012. 152p. Disponível em <www.cfmv.gov.br>. Acesso em 07 ago 2014.

Conselho Nacional De Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária. Parecer CNE/CES 1/2003. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces012003.pdf>>. Acesso em 07 ago 2014.

Cotrin, C.; Fernandes, C.; Rosa, S.A.S; et al. Relato de experiência - acumulação compulsiva: articulação da rede para integralidade do cuidado. XXIX Congresso de Secretários Municipais de Saúde do Estado de São Paulo, 2015. Disponível em <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-9586>. Acesso em 03 ago 2016.

Cunha, G. R. ; Martins, C. M. ; Biondo, A. W. O acúmulo de animais passa a ser reconhecido como transtorno mental de acumulação. *Clínica Veterinária (São Paulo)*, 2015; 117: 32-36.

Frost, R.O. People who hoard animals. *Psychiatric Times*. 2000; 17(4): 25-29. Disponível em <http://www.psychiatrictimes.com/obsessive-compulsive-disorder/people-who-hoard-animals>. Acesso em 04 jul 2014.

Frost, R.O.; Patronek, G.J.; Arluke, A.; Sketekee, G. The hoarding of animals: an update. 2015; 32(4): 1-5. *Psychiatric Times*. Disponível em <http://www.psychiatrictimes.com/addiction/hoarding-animals-update>. Acesso em 07 jul 2016.

Frost, R.O.; Sketekee, G. 2010. *Stuff. Compulsive hoarding and the meaning of things*. Nova York: Houghton Mifflin Harcourt. Kindle Edition.

Hayes, V. Detailed Discussion of Animal Hoarding. Animal Legal & Historical Center, Michigan State University College of Law. 2010. Disponível em <http://www.animallaw.info/articles/ddushoarding.htm>. Acesso em 11 jun 2013.

Kuehn, B.M. Animal hoarding: A public health problem veterinarians can take a lead role in solving. *Journal of the American Veterinary Medical Association*. 2002; 221(8): 1087-9.

Maciel, S.C.; Azevedo, T.A.; Germano, S.; et al. Relato de caso: vistoria zoossanitária uma abordagem multidisciplinar. 1o simpósio de vigilância em saúde da cidade de São Paulo, 2011. Disponível em <http://pesquisa.bvsalud.org/sms/resource/pt/sus-26503>. Acesso em 03 ago 2016.

Ockenden, E.M.; De Groef, B.; Marston, L. Animal hoarding in Victoria Australia: an exploratory study. *Anthrozoos*. 2014; 27:33-47. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/259761248_Animal_Hoarding_in_Victoria_Australia_An_Exploratory_Study. Acesso em 06 jun 2016.

Patronek, G.J.; Loar, L.; Nathanson, J.N. Animal Hoarding: Structuring interdisciplinary responses to help people, animals and communities at risk. 2006. Hoarding of Animals Research Consortium. 55 p.

Patronek, G.J. Animal hoarding: Its roots and recognition. *DVM 360*, 2006. Disponível em <http://veterinarymedicine.dvm360.com/animal-hoarding-its-roots-and-recognition>. Acesso em 07 jul 2016.

Patronek, G.J. Animal Hoarding: What caseworkers need to know. Animal Rescue League of Boston. Masshousing Community Services Conference, 2007. Disponível em https://www.masshousing.com/portal/server.pt/document/2685/animal_hoarding__what_caseworkers_need_to_know. Acesso em 13 jul 2016.

Patronek, G.J. Hoarding of animals: an under-recognized problem in a difficult to study population. *Public Health Rep*, 1999; 144: 81-87.

Patronek, G.J. The problem of animal hoarding. *Municipal Lawyer*, 2001, 19: 6-9.

Patronek, G. Animal hoarding: a third dimension of animal abuse. In: ASCIONE, F.R. (ed.) The international book of animal abuse and cruelty: theory, research and application. West Laffayette: Purdue University Press, 2008. 221-246p. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=M48ZecA9ulIC&hl=pt-BR&num=10&redir_esc=y. Acesso em 12 jul 2016.

Patronek, G.J., Nathanson, J.N. A Theoretical Perspective to Inform Assessment and Treatment Strategies for Animal Hoarders. *Clin Psychol Rev*, 2009; 29: 274-281.

Patronek, G.J.; Weiss, K.J. Animal hoarding: a neglected problem at the intersection of psychiatry, veterinary medicine, and law. Findings from the Henderson house workgroup. 2012. Disponível em: vet.tufts.edu/wp-content/uploads/APLS2012.pdf. Acesso em 06 jul 2016.

Reinisch, A. I. Characteristics of six recent animal hoarding cases in Manitoba. *Can Vet J*. 2009; 50: 1069-1073. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2748289/>. Acesso em 06 jul 2016.

Ritchard, R.; Church, M.; Morrison, K. Making thinking visible. How to promote engagement, understanding, and independence for all learners. New York: Jossey-Bass. 2011.

Salvador, A.S.; Medeiros, C.S.; Cavalcanti, P.B.; Carvalho, R.N. Construindo a Multiprofissionalidade: um Olhar sobre a Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade. *R bras ci Saúde*, 2011, 15(3):329-338. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs>. Acesso em 01-06-2017.

Silvester, S.; Baranyk, C.W. When animal hoarding is warehousing for profit – part 2. *Tales of justice*. 2011; 1(3): 1-4. Disponível em www.ndaa.org/pdf/TalesJustice-vol1-no3.pdf. Acesso em 13 jul 2016.

Steketee, G. Animal hoarding. In: IOCDF. 2013. Types of Hoarding. International OCD Foundation - Hoarding Center, 2013. Disponível em <http://www.ocfoundation.org/hoarding/types.aspx>. Acesso em 04 jun 2014.